



## ***Binge drinking* em adolescentes está associado ao consumo de bebida alcoólica por familiares e melhor amigo?**

*Haroldo Neves de Paiva<sup>1</sup>; Victor Seabra de Paiva<sup>2</sup>; Paula Cristina Pelli Paiva<sup>3</sup>*

**Resumo:** Um importante fator de risco é o consumo de bebida alcoólica, sendo a droga psicotrópica mais utilizada entre adolescentes. Objetivo foi avaliar prevalência do consumo de bebida alcoólica em *binge* em adolescentes de 14 anos e associação com consumo de bebidas alcoólicas por familiares e melhor amigo. Estudo transversal de base populacional utilizando os instrumentos AUDIT-C e questionário semiestruturado, para avaliar o consumo de bebida alcoólica. Os dados foram analisados de forma descritiva e analítica ( $p < 0.05$ ). A prevalência de beber em *binge* foi de 23,1%. Ao considerarmos o uso de bebidas alcoólicas por pais e amigos, verificou-se que o fato da mãe, pai, irmão e do melhor amigo beber estiveram associados com o beber em *binge* pelos adolescentes ( $p = 0.001$ ,  $p < 0.0001$ ,  $p < 0.0001$ ,  $p < 0.0001$ ) respectivamente. O *binge drinking* foi considerado alto, com início precoce e esteve associado ao consumo de bebida alcoólica pelo melhor amigo e pelo melhor amigo.

**Palavras-chave:** Consumo de bebida alcoólica, Bebedeira, Adolescente.

## **Binge drinking in young adolescents was associated with the consumption of alcoholic beverages by family members and best friends?**

**Abstract:** An important risk factor is alcohol consumption, with the most used psychotropic drug among adolescents. Objective was to evaluate prevalence of binge drinking in 14-year-olds and association with alcohol drinking by family members and best friend. Cross-sectional study of population base using the Audit-C instruments and semi-structured questionnaire to evaluate alcohol consumption. The data were analyzed descriptively and analytically

<sup>1</sup> Docente e doutor pela Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. Departamento de Odontologia. Diamantina, Minas Gerais, Brasil. haroldo.paiva@ufvjm.edu.br.

<sup>2</sup> Discente do curso de medicina na Faculdade de Medicina de Diamantina, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. Diamantina, Minas Gerais, Brasil. victor.paiva@ufvjm.edu.br.

<sup>3</sup> Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. Departamento de Odontologia. Diamantina, Minas Gerais, Brasil. paula.paiva@ufvjm.edu.br.

( $p < 0.05$ ). The prevalence of drinking binge was 23.1%. Considering the alcohol drinking by parents and friends, it was found that the fact that the mother, father, brother and best friend drink were associated with binge in drinking by adolescents ( $p = 0.001$ ,  $p < 0.0001$ ,  $p < 0.0001$ ,  $p < 0.0001$ ) respectively. The binge drinking was considered high, early onset and was associated with alcohol consumption by the best friend and the best friend.

**Keywords:** Binge drinking, Alcohol drinking, Adolescent

## Introdução

A adolescência trata-se de um período de desenvolvimento de capacidades pessoais e interpessoais, englobando além das alterações corporais, importantes modificações psicossociais, destacando a aquisição de habilidades e a consolidação da personalidade. Porém, é um período caracterizado por inconstância emocional onde o adolescente pode ser particularmente passível de sofrer influências sociais, podendo adotar comportamentos de risco ou proteção para a saúde (STEINBERG & MONAHAN, 2007; PAIVA et al., 2015; SOUSA, et al., 2011). Adolescência, mais do que em qualquer outro estágio de desenvolvimento, é caracterizada por uma maior suscetibilidade à influência dos pares e da família (STEINBERG & MONAHAN, 2007; YAMAUCHI et al., 2019), além do marketing em mídia digital, tornando-os vulneráveis à iniciação ou manutenção de hábitos de risco (McCLURE et al., 2019).

Um importante fator de risco é o consumo de bebida alcoólica, sendo a droga psicotrópica mais utilizada entre os adolescentes e uma das principais causas evitáveis de adoecimento e morte precoce no mundo, portanto, considerado um problema de saúde pública com alta prevalência, início cada vez mais precoce. Um padrão de consumo comum adotado pelo adolescente é o *binge drinking*. De acordo com o *National Institute of Alcohol Abuse and Alcoholism* (NIAAA), beber em *binge* ou *binge drinking* trata-se de um consumo episódico, durante o qual uma soma maior de bebidas é consumida em um curto período de tempo. Corresponde à ingestão de cinco ou mais doses de bebida alcoólica numa única ocasião (PARADA et al., 2011). Outros termos como “beber periódico de alto risco” ou “beber pesado episódico” também podem ser utilizados (NIAAA).

Uma série de fatores pode influenciar o comportamento de beber em *binge* entre os adolescentes, tais como a necessidade de socialização, consubstanciação sexual, expectativas e

crenças (SANCHEZ et al., 2013) e, acima de tudo, contextos familiares e sociais (TEEVALE et al., 2012; BOSQUE-PROUS et al., 2017; CHUNG et al., 2018; CINTRA, et al., 2015).

A obtenção de resultados concisos investigando estas associações em um período inicial da adolescência pode nortear medidas de prevenção e controle mais eficazes relacionadas ao consumo de bebidas alcólicas, o beber em *binge* e a prevenção de suas consequências. O objetivo foi avaliar a prevalência do consumo de bebida alcóolica em *binge* em adolescentes de 14 anos de idade e sua associação com o consumo de bebidas alcoólicas por familiares, melhores amigos, sexo e condição socioeconômica.

## **Metodologia**

Estudo transversal de base populacional foi realizado na Cidade de Diamantina/MG com adolescentes de 14 anos de idade matriculados em escolas de ensino fundamental II. O resultado do cálculo amostral com poder de teste de 80% foi de 601 adolescentes. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (CAAE: 52656515.9.0000.5108).

## **Coleta de dados**

Após obtenção dos Termos de Consentimento Livre e esclarecidos (pais) Termo de assentimento (adolescente) os dados foram coletados pela aplicação dos questionários em sala de aula, em dia previamente agendado pela direção das escolas.

O questionário Audit-C foi validado no Brasil (MENEZES-GAYA et al., 2010), e considerado adequado para ser aplicado em adolescentes por ser de fácil e rápida aplicação. O AUDIT-C é composto das seguintes perguntas: 1. *Com que frequência você consumiu bebidas alcoólicas no último ano?*; 2. *Quantas doses de álcool você consome num dia normal?* e 3. *Com que frequência você consome cinco ou mais doses em uma única ocasião?*. O consumo em “binge” de bebida alcóolica foi definido como o consumo de 5 doses ou mais em uma única ocasião (PARADA et al., 2011), com as respostas dicotomizadas em: 0 para quem nunca consumiu bebida alcoólica em “binge” e 1 para quem consumiu de uma vez por mês ou menos até diariamente ou quase todos os dias. Também foi questionado aos escolares a frequência de consumo de álcool por amigos e familiares, bem como a idade que experimentou bebida alcoólica pela primeira vez (SANCHEZ et al., 2013).

A rede de amigos na escola foi investigada pelas perguntas, "Os alunos da minha escola se divertem bem uns com os outros; Eu confio nos meus amigos da escola; Eu posso pedir a ajuda aos meus amigos da escola". Para a resposta utilizou-se escala de Likert, com as opções de concordo, nem concordo nem discordo e discordo (PAIVA et al., 2015).

### Análise dos dados

Para a obtenção dos resultados foram realizadas análises descritivas dos dados para caracterização da amostra e em seguida análise bivariada adotando o teste do Qui-quadrado, com nível de significância  $p < 0,05$ . Regressão Hierárquica de Poisson foi utilizada na análise múltipla. O critério para inclusão no modelo foi um valor de significância de  $< 20\%$  no resultado da análise bivariada, através do programa Statistical Package for Social Sciences 20.0 (SPSS).

### Resultados

Dos 601 adolescentes convidados, participaram 588 (92,9%). Verificou-se que 51,4% (n=302) dos adolescentes eram do sexo feminino. A maioria, (92,2%), estava matriculada em escolas públicas. As taxas de prevalência de consumo de álcool no último ano e o beber em *binge* foram 45,6% (n = 268) e 23,1% (n = 136), respectivamente. A idade média em que os estudantes relataram ter feito o primeiro consumo de bebidas alcoólicas foi de 10,8 anos.

O sexo e a condição socioeconômica, que foi medida pelo tipo de escola e a escolaridade materna, estiveram associados ao beber em *binge* pelos adolescentes. Entretanto, a renda familiar não apresentou associação estatisticamente significativa, sendo que adolescentes que estudavam em escolas públicas, com mães que só cursaram o ensino fundamental tiveram mais chances de pertencer ao grupo que consumiram bebidas alcoólicas em "*binge*" (tabela 1).

**Tabela 1.** Distribuição de 588 escolares com 14 anos de idade de acordo com o binge drinking e as variáveis demográficas, Diamantina, Brasil, 2015.

Variáveis independentes	Binge drinking				95% IC
	Nunca	Menos que uma vez por mês a diariamente	Total	<i>p-value</i> *	
Sexo	(n) (%)	(n) (%)	(n) (%)		
Feminino	245 (81,1)	57 (18,9)	302 (100)	0,012*	1,640 (1,113-2,417)
Masculino	207 (72,4)	79 (27,6)	286 (100)		

Tipo de escola					
Particular	43 (93,5)	3 (6,5)	46 (100)	0,003**	4,661 (1,423-15,269)
Pública	409 (75,5)	133 (24,5)	542 (100)		
Escolaridade materna					
< 7 anos	301 (80,1)	75 (19,9)	376 (100)	0,017*	1,605 (1,085-2,376)
≥ 7 anos	150 (71,4)	60 (28,6)	210 (100)		
Renda familiar					
< 3 salários	336 (76,0)	106 (24,0)	442 (100)	0,415*	0,827 (0,523-1,306)
≥ 3 salários	115 (79,3)	30 (20,7)	145 (100)		

\* Chi-square test \*\* Fisher's Exact Test

Ao considerarmos o uso de bebidas alcoólicas por pais e amigos, verificou-se que o fato da mãe, pai, irmão e do melhor amigo beber estiveram associados com o beber em *binge* pelos adolescentes ( $p=0,001$ ,  $p< 0,0001$ ,  $p< 0,0001$ ,  $p< 0,0001$ ) respectivamente (tabela 2).

**Tabela 2.** Distribuição de 588 escolares com 14 anos de idade de acordo com o *binge drinking* e consumo de bebida alcoólica por familiares e melhor amigo e religiosidade, Diamantina, Brasil, 2015.

Variáveis independentes	Binge drinking			<i>p-value</i> *	95% IC
	Nunca	Menos que uma vez por mês a diariamente	Total		
	(n) (%)	(n) (%)	(n) (%)		
Consumo de bebida alcoólica pela mãe					
Não	155 (85.2)	27 (14.8)	182 (100)	0.001	2.107 (1.325-3.351)
Sim	297 (73.2)	109 (26.8)	406 (100)		
Consumo de bebida alcoólica pelo pai					
Sim	135 (87.1)	20 (12.9)	155 (100)	<0.0001	2.470 (1.475-4.136)
Pública	317 (73.2)	116 (26.8)	433 (100)		
Consumo de bebida alcoólica pelo irmão					
Não	305 (85.2)	53 (14.8)	358 (100)	<0.0001	3.249 (2.185-4.832)
Sim	147 (63.9)	83 (36.1)	230 (100)		
Consumo de bebida alcoólica pelo melhor amigo					
Não	274 (94.2)	17 (5.8)	291 (100)	<0.0001	10.775 (6.266-18.529)
Sim	178 (59.9)	119 (40.1)	297 (100)		

\*Chi-square test

Sexo, tipo de escola, consumo de bebida alcoólica pelo irmão e pelo melhor amigo foram incorporados no modelo de regressão logística múltipla. Na análise múltipla, frequentar escola particular [p=0.036 OR = 0.263 (95%CI: 0.076-0.914)] alude a um possível fator de proteção para o *binge drinking*. O consumo de bebida alcoólica pelo irmão [p=0.002 OR 1.991 (95% CI 1,275-3,108)] e pelo melhor amigo [p=<0.0001 OR 8.653(95% CI 4.948-15.133)] estiveram associados ao *binge drinking* por estes adolescentes (tabela 3).

**Tabela 3:** Análise de regressão logística múltipla do binge drinking e as variáveis independentes entre 588 escolares com 14 anos de idade, Diamantina, Brasil.

Variável Dependente	Variáveis Independentes	RR (95% IC) Não ajustado	P*	RR (95% IC) Ajustado	P*
<b>Binge Drinking</b>					
Sexo	Feminino	1.00	0.012	1.00	0.120
	Masculino	1.640 (1.113-2.417)		1.413(1.413-0.914)	
Escola	Pública	1.00	0.003	1.00	0.036
	Particular	4.661(1.423-15.269)		0.263(0.076-0.914)	
Mãe bebe	Não	1.00	0.010	1.00	0.285
	Sim	1.599(1.120-2.282)		1.333(0.788-2.254)	
Irmão bebe	Não	1.00	<0.0001	1.00	0.002
	Sim	3.249 (2.185-4.832)		1.991(1.275-3.108)	
Melhor amigo bebe	Não	1.00	<0.0001	1.00	<0.0001
	Sim	3.249 (2.185-4.832)		8.653(4.948-15.133)	

RR = Risco Relativo; IC = Intervalo de Confiança  
\* Ajustado por sexo e tipo de escola

Fonte: Dados da pesquisa.

## Discussão

Pesquisas fornecem evidências sólidas de menor uso de álcool pelos jovens desde a mudança do milênio, (CHUNG et al., 2018; CLARK GOINGS et al., 2019) entretanto há indicações de que os bebedores em *binge*, não reduziram o consumo. Embora a prevalência de beber em *binge*, ter permanecida inalterada com valores em 2015 semelhantes aos de 1995 (ESPAD, 2015), após aumentos progressivos de 1995, os valores de prevalência diminuíram

claramente de 2011 a 2015 tanto em meninos como em meninas em alguns países, mas ainda assim, 35% dos estudantes relataram consumo em *binge* no último mês e 78% dos entrevistados relataram acesso relativamente fácil ao álcool (ESPAD, 2015). Uma pesquisa nacional com mais de 230.000 adolescentes americanos, fornecem evidências convincentes de que o consumo excessivo de álcool entre os jovens diminuiu em mais da metade nos últimos 16 anos, junto a aumento substancial de abstenção (CLARK GOINGS et al., 2019). Em contraste com a tendência geral decrescente do álcool na adolescência, o uso frequente de álcool e bebidas estão aumentando entre adolescentes socioeconomicamente desfavorecidos e com depressão (PEÑA et al., 2017). Infelizmente no Brasil, há escassez de trabalhos longitudinais que investiguem se houve variação nas taxas de consumo em *binge* por adolescentes.

No presente estudo, a taxa de prevalência do beber em *binge* foi 23,1%. No Brasil, o primeiro estudo nacional, com enfoque no padrão *binge* de consumo, apontou que 50% dos adolescentes relataram ter consumido em *Binge* no último ano, e 32,6% no último mês (GOMES et al., 2020).

Prevalência semelhante à encontrada na presente investigação foi reportada em estudo com amostra representativa da população, envolvendo 10.666 estudantes do Ensino Fundamental de escolas públicas e privadas das 27 capitais brasileiras, quando 32,6% dos estudantes relataram consumo excessivo de álcool no último mês (GOMES et al., 2020). Em um estudo transversal de uma amostra representativa de 17.028 estudantes do ensino médio de 27 capitais brasileiras, foi encontrada uma porcentagem de 31,7%, de consumidores em *binge*, no último ano (ZUQUETTO et al., 2019).

Prevalências com valores superiores, foram reportadas em outros estudos nacionais (JORGE, et al., 2017, GOMES et al., 2019, YAMAUCHI et al., 2019, ZUQUETTO et al., 2019), entretanto, os sujeitos apresentaram faixa etária mais ampla e superior a do presente estudo. Também foi maior a prevalência de consumo de álcool em estudos internacionais como entre os adolescentes da Nova Zelândia (TEEVALE et al., 2012) e do Irã (BAHEIRAEI et al., 2013). Valores inferiores também foram observados, tanto em estudos internacionais (BOSQUE-PROUS et al., 2017; LEE, et al., 2020; CLARK GOINGS et al., 2020). A variação na prevalência encontrada em estudos desta natureza, reflete a variedade nas idades dos adolescentes, e de se considerar o consumo em *binge* tanto como prática mensal quanto anual, lembrando que o consumo em *binge*, pode refletir as diferenças culturais existentes entre os países e regiões. A literatura aponta o sexo masculino como predisponente para o consumo em “*binge*” (SANCHEZ et al., 2013; GOMES et al., 2020). No presente estudo, o *binge drinking*



foi mais frequente entre os meninos, mas não houve associação estatisticamente significativa entre sexo e uso de álcool. Entretanto, a literatura tem reportado um consumo semelhante para ambos os sexos ou até mais elevado para o feminino. Todavia, embora a prevalência de transtornos por uso de álcool na população adulta continue sendo maior nos homens, essa diferença é pouco observada em adolescentes de 14 a 18, indicando uma mudança no padrão de consumo, regular a episódico e uma atenuação em relação ao sexo (PARADA et al., 2020).

Não existe consenso na literatura entre o consumo de bebidas alcoólicas e a condição socioeconômica. Como no Brasil não existe um indicador socioeconômico padrão, adotamos o tipo de escola, a escolaridade materna e a renda familiar para tal. Embora o tipo de escola seja um indicador bruto, adolescentes de classe mais favorecida estão matriculados em escolas particulares porque a maioria das escolas públicas brasileiras são reconhecidas por possuírem menos recursos educacionais (SANCHEZ et al., 2013) sendo esta variável, portanto, adotada como indicador da condição socioeconômica no Brasil (PAIVA et al., 2015), embora o uso precoce do álcool, não seja influenciado pelo tipo de escola, indicando que os adolescentes consomem álcool precocemente, independentemente do tipo de educação ou renda (WILLHELM et al., 2019).

Embora o tipo de escola e a escolaridade materna tenham sido associados ao consumo em *binge*, o mesmo não ocorreu em relação à renda familiar.

Em amostra de 45.298 estudantes canadenses do 9º ao 12º ano do ensino médio durante o ano letivo de 2013–14, a renda mediana das famílias, também não apresentou associação significativa com padrões de consumo de álcool (GOHARI et al., 2020). Interessante que quando se considera a renda do próprio adolescente, o resultado pode ser diferente. O consumo em *binge* por adolescentes europeus de 14 a 17 anos foi associado ao nível socioeconômico do próprio adolescente, medido por meio do menor desempenho escolar e maior renda semanal do próprio estudante, quando avaliado pelo nível socioeconômico dos pais, por meio da riqueza e escolaridade, não foi observada esta associação (BOSQUE-PROUS et al., 2017). No Chile e Finlândia, países com o maior consumo de álcool em suas regiões, um menor nível socioeconômico foi associado a maior prevalência de abstinência em ambos os países e a beber em *binge* apenas na Finlândia (PEÑA et al., 2017).

Evidências apontam que a condição de saúde dos adolescentes pode estar relacionada com o nível de conhecimento e entendimento de saúde por parte dos pais ou responsáveis, pois pais com nível educacional mais elevado estão mais associados com a aplicação do conhecimento no cuidado preventivo de seus filhos. Pais com menor escolaridade exibem



muitas vezes um conhecimento menor sobre saúde ou o estado de saúde e menor aderência a comportamentos preventivos (YIN *et al.*, 2007), no entanto, nenhuma associação foi encontrada entre o consumo em *binge* por adolescentes europeus e escolaridade dos pais, (BOSQUE-PROUS *et al.*, 2017).

Fatores como cultura e religiosidade possivelmente se conjugam com as variáveis renda e escolaridade materna, influenciando de forma complexa o perfil de consumo de bebidas alcoólicas em uma população. A avaliação da influência destes fatores socioeconômicos sobre comportamentos em países que se encontram em desenvolvimento como o Brasil, se torna mais complexa, uma vez que o acréscimo de anos de escolaridade pode ter um efeito diminuto no aumento da renda (FERREIRA *et al.*, 2011). Os diversos critérios utilizados para determinar o padrão socioeconômico do indivíduo, reflete a variedade de resultados encontrada em estudos desta natureza.

Diversos fatores considerados protetores podem contribuir para o não envolvimento do indivíduo com o consumo de álcool e drogas ilícitas tais como a família, a escola e a religiosidade, devido à construção de laços afetivos, monitoramento das amizades e atividades e disponibilidade de informações. Adolescentes brasileiros que relataram que seus melhores amigos praticavam beber em *binge* eram 4,7 vezes mais propensos a beber em *binge*, sendo também mais elevado entre os adolescentes cujos irmãos também praticavam beber em *binge*. (MARTINS-OLIVEIRA *et al.*, 2018).

No entanto, ser mais velho, ter comportamento agressivo, ausência do pai morando com o adolescente e qualquer consumo de álcool pelos pais, predizem a prática precoce do beber em *binge* entre os adolescentes. Quando esta prática ocorre no início da adolescência, abre uma porta para a cultura da bebida, sendo um indicador de problemas relacionados ao álcool nos últimos anos da adolescência e na fase adulta jovem (CONEGUNDES *et al.*, 2020).

O comportamento familiar também exerce forte influência sobre o uso de álcool pelos adolescentes, por meio de uma ação permissiva e atitude tolerante em relação ao consumo de álcool (YAMAUCHI *et al.*, 2019). Relacionamento ruim com os pais, ser membro de família que usa substância psicoativa, com pouca comunicação ou com falta de suporte e monitoramento familiar tem sido associado ao uso de álcool. Mesmo quando o álcool é consumido com os pais ou em casa na adolescência, não se observa redução clara do risco de consumo excessivo de álcool e problemas com álcool no início da vida adulta (WHITE *et al.*, 2020).

A adolescência engloba um período crítico no desenvolvimento das relações sociais, no qual os vínculos deixam de ser centrados na família, deslocando-se para a relação com os pares, onde o jovem se sente apoiado pelos colegas, amigos (as) ou namorados (as) compartilhando experiências, emoções e conhecimentos. De forma semelhante, as primeiras experiências com álcool dos jovens são frequentemente introduzidas por membros da família no início da infância e mais tarde na adolescência, passando seus contextos sociais da unidade familiar, para se concentrar mais em seus amigos (YAMAUCHI et al., 2019).

As influências sociais estão entre os fatores mais consistentes e importantes associados ao uso de substâncias e são importantes em relação a uma ampla gama de comportamentos relacionados com saúde. Os adolescentes podem ser particularmente suscetíveis a influências sociais e dos grupos de pares, podendo haver aspectos exclusivamente sociais no uso de outras substâncias, à medida em que outros adolescentes proporcionam acesso, oportunidade e reforço (STEINBERG & MONAHAN, 2007).

Um maior risco do *binge drinking* em adolescentes esteve associado àqueles que pertencem a um grupo com pouco respeito às regras ou cujos pares também bebem em *binge*, destacando a pressão da socialização exercida pelos pares durante a adolescência (GALLIMBERTI et al., 2011). Adolescentes cujos melhores amigos bebem em *binge* são 4,7 vezes mais propensos a beber em *binge*, sendo também elevada essa prática entre os adolescentes cujos irmãos também bebem em *binge* (MARTINS-OLIVEIRA et al., 2018).

Influenciadores de redes sociais podem também ter uma forte influência sobre os jovens. Em uma análise de conteúdo de postagens no Instagram sobre álcool de 178 influenciadores populares, observou-se que a maioria dos influenciadores (ou seja, 63,5%), publicaram recentemente sobre álcool, e as postagens sobre álcool foram apresentadas dentro de um contexto social positivo (McCLURE et al., 2020).

Diversos são os danos causados pelo consumo excessivo do álcool, refletidos no comportamento social, na saúde física e mental e conseqüentemente na qualidade de vida dos adolescentes. Embora o consumo de álcool seja considerado um comportamento social aceitável, com características socializadoras entre os pares (YAMAUCHI et al., 2019), ele pode aumentar as chances de envolvimento em brigas, perder dias de escola ou trabalho, ter relação sexual sem preservativo e deixar de fazer tarefas básicas (GOMES et al, 2020; CHUNG et al., 2018).

Há uma associação prospectiva significativa entre o consumo excessivo de álcool durante a adolescência e a reatividade do cortisol ao estresse psicossocial na idade adulta jovem,

indicando que o consumo problemático na adolescência pode levar a desregulação neuroendócrina na idade adulta jovem (PÉREZ-GARCÍA et al., 2012). O consumo excessivo de álcool foi associado a uma infinidade de condições de saúde mental, e um declínio na qualidade de vida foi observado entre os bebedores compulsivos (LEE et al., 2020).

Entre as limitações deste estudo incluem-se seu delineamento transversal, que não permite estabelecer a direção causa-efeito, mas possibilita concluir a existência ou não de associações entre as variáveis analisadas. A relevância deste estudo recai sobre a faixa etária, fase inicial da adolescência, de grande vulnerabilidade às influências do ambiente social.

## Conclusões

O *binge drinking* foi considerado alto, com início precoce e esteve associado ao consumo de bebida alcoólica pelo melhor amigo e pelo irmão. Pertencer a rede particular de ensino e reportar religiosidade destacou-se como possíveis fatores de proteção. A precocidade com que os adolescentes estão iniciando o uso de bebidas alcoólicas é preocupante, mesmo em presença da proibição por lei do consumo de bebidas alcoólicas por menores no Brasil. O conhecimento sobre os relacionamentos é essencial para a compreensão das influências sociais sobre o uso de substâncias e sua prevenção.

## Agradecimentos

Este estudo teve o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG). Os financiadores não tiveram nenhuma participação no desenho do estudo, coleta de dados e análise, decisão de publicação ou preparação do manuscrito.

## Referências

BAHEIRAEI, A.; HAMZEHGARDESHI, Z.; MOHAMMADI, M. R.; NEDJAT, S.; MOHAMMADI, E. Alcohol and drug use prevalence and factors associated with the experience of alcohol use in Iranian adolescents. **Iranian Red Crescent Medical Journal**, v. 15, n. 3, p. 212-217, 2013.

BOSQUE-PROUS, M.; KUIPERS, M. A. G.; ESPELT, A.; RICHTER, M.; RIMPELÄ, A.; PEREÇAM, J.; et al. Adolescent alcohol use and parental and adolescent socioeconomic

position in six European cities. **BMC Public Health**, v. 8, n. 17(1), p. 646, 2017. doi: 10.1186/s12889-017-4635-7.

CHUNG, T.; CRESWELL, K. G.; BACHRACH, R.; CLARK, D. B.; MARTIN, C.S. Adolescent Binge Drinking. **Alcohol Reserach**, v. 39, n. 1, p. 5-15, 2018.

CINTRA JUNIOR, D. F.; CUSTODIO, B. F.; GUIMARÃES H. N.; CORREIA, L. P. L. Drogadicção em adolescente: O papel interventivo da família. **Idon lineRevista de Psicologia**, v. 9, n. 28, p. 111=118, 2015.

CLARK GOINGS, T., SALAS-WRIGHT, C. P., BELGRAVE, F. Z., NELSON, E. J., HAREZLAK, J., & VAUGHN, M. G. Trends in binge drinking and alcohol abstention among adolescents in the US, 2002-2016. **Drug and Alcohol Dependence**, v. 200, p. 115–123, 2019. doi:10.1016/j.drugalcdep.2019.02.034.

CONEGUNDES, L.; VALENTE, J. Y.; COGO-MOREIRA, H.; MARTINS, C. B.; ANDREONI, S.; SANCHEZ, Z. M. Transition from nonuse to use of alcohol or binge drinking among adolescents: secondary analysis of a randomized controlled trial. **Addictive Behaviors**, v. 102, p. 106159, 2020.

ESPAD. New ESPAD results: teenage drinking and smoking down, but concerns posed by new drugs and new addictive behaviours. **European School Survey Project on Alcohol and Other Drugs**. 20/09/2016. Disponível em “<http://www.espad.org/news/2016/new-espad-results> Acesso em 28/05/2022.

Ferreira LN, Sales ZN, Casotti CA, Júnior JPB, Júnior ACRB. Perfil do consumo de bebidas alcoólicas e fatores associados em um município do Nordeste do Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 27, n. 8, p. 1473-1486, 2011.

GALLIMBERTI, L.; CHINDAMO, S.; BUJA, A.; BUJA, A.; FORZA, G.; TOGNAZZO, F.; et al. Underage drinking on saturday nights, sociodemographic and environmental risk factors: a cross-sectional study. **Substance Abuse Treatment, Prevention, and Policy**, v. 5, p. 6:15, 2011. doi: 10.1186/1747-597X-6-15.



Como citar este artigo (Formato ABNT):

PAIVA, Haroldo Neves de; PAIVA, Victor Seabra de; PAIVA, Paula Cristina Pelli. *Binge drinking* em adolescentes está associado ao consumo de bebida alcóolica por familiares e melhor amigo?. **Id on Line Rev. Psic.**, Fevereiro/2023, vol.17, n.65, p. 178-189, ISSN: 1981-1179.

Recebido: 24/01/2023;

Aceito 30/01/2023;

Publicado em: 28/02/2023.